

## OS NÍVEIS DE ATUAÇÃO DO *MAS* NO DISCURSO

ANDRÉA RODRIGUES  
(UFRJ)

### 1. INTRODUÇÃO

O item *mas*, incluído pelas gramáticas na classe das conjunções (Melo, 1980), apresenta funções no discurso oral que revelam uma ampliação do seu âmbito de atuação. Nesses casos, ele deixa de estar integrado à estrutura sintática do enunciado para funcionar em segmentos discursivos mais amplos.

Este trabalho pretende levantar alguns papéis que o *mas* incorpora no discurso, e mostrar como o desdobramento de sua atuação pode ser analisado a partir do modelo de discurso proposto por Schiffrin (1987).

São analisadas 551 ocorrências de *mas* retiradas de oito entrevistas da Amostra Censo da Variação Lingüística do Rio de Janeiro, que integra o acervo do Grupo PEUL, realizado e sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### 2. A CONJUNÇÃO *MAS* NAS RELAÇÕES DE CONTRASTE

A conjunção *mas* sinaliza vários tipos de relação de contraste entre orações. O contraste pode se dar entre constituintes, como por exemplo os sujeitos das duas orações em (1):

(1) O delegado não estava, mas estava o substituto dele.  
(Edu)

Van Dijk (1977) inclui na noção de contraste a quebra de expectativa. O contraste pode estar associado a uma quebra de expectativa em relação ao curso normal dos eventos. É o que se vê em (2):

(2) E ela terminou o IBEU e terminou o segundo grau, mas não quis fazer o vestibular de jeito nenhum esse ano, diz que não estava com vontade.  
(Lau)

Em (2), não há como em (1) um contraste entre constituintes. O que se opõe à seqüência introduzida por *mas* é a expectativa que existiria a partir do que é expresso pela seqüência anterior.

Van Dijk sugere ainda que pode existir contraste/quebra de expectativa quando uma proposição expressa a não satisfação de condições possíveis, prováveis ou necessárias para a realização de algo. É o que ocorre em (3):

(3) I- Já houve alguma vez assim que algum cliente não tenha pagado?

F- Já! Muitas vezes! Quantas vezes, hum! Calote, meu irmão, hum (grito) é toda hora.

(...)

I- Mas eu digo assim no taxi-

F- Não, no taxi muita da vez o motorista [diarista] chega, tem muitos que são sinceros, chega e diz: “Olha, (“o”) seguinte: (imitando) Estou devendo aí quatro diária, **mas a mulher está (“doente”)**).

(F) “Não, tem nada não, para semana acerta.”

(Edu)

O que observamos nesses casos é que há uma proposição contrastiva implícita, e que a presença do *mas* contribui para viabilizar a inferência dessa proposição. A oração *mas a mulher está doente* estaria numa relação de explicação com uma proposição implícita (algo como “não posso pagar”). O falante explica que não pode pagar as diárias porque a mulher está doente, mas ele não diz explicitamente “não posso pagar”. É essa proposição implícita que contrasta com a oração antecedente - *estou devendo aí quatro diária*. O item *mas* teria aqui a função de substituir/sinalizar a proposição contrastiva implícita. Se o que está explícito na fala é a oração explicativa (*a mulher está doente*), e a marca formal que a introduz é a que predomina nas relações adversativas, essa marca sinaliza o que ficou de fora do texto, ou seja, a oração contrastiva.

### 3. A EXPANSÃO FUNCIONAL DO ITEM *MAS* NO DISCURSO

Além de sinalizar relações de contraste entre orações, como vimos nos exemplos acima, o item *mas* pode atuar especificamente na organização do discurso. Vejamos o seguinte exemplo:

(4) Era eu que consertava do meus colegas, patinete, essas coisa toda, então, (“eu”) sempre gostei de mecânica. Eu via uma pessoa mexendo num automóvel, eu ficava maluco. Então, com treze anos, **eu comecei a trabalhar na obra com meu pai**. Meu pai era construtor- Eu ia para a obra com meu pai, (papapá), comecei ajudar meu pai. Pintava uma parede, pintava isso, pintava aquilo. Eu sei até assentar tijolo, botar cerâmica, essas coisa assim, dentro duma casa, eu sei fazer. Trocar um cano d’água, ver um fio, fazer uma instalação, colocar uma bucha na parede, isso tudo, eu sei

fazer. Sabe, dentro duma casa, tudo, eu faço. Certo? Cimentar um chão, isso aí eu quebro o galho. **Mas então, com meu pai não dava muito certo**, porque o meu pai era uma pessoa, é muito boa, muito bacana, mas filho com pai, geralmente na profissão, nunca dá certo.

(Edu)

Em (4), a oração *mas então, com meu pai não dava muito certo* se relaciona contrastivamente com a oração *eu comecei a trabalhar na obra com meu pai*. No entanto, entre essas duas orações cuja relação é sinalizada formalmente pelo *mas*, há toda uma seqüência discursiva que as torna não adjacentes. Pode-se afirmar, com isso, que essa ocorrência de *mas*, além de explicitar uma relação adversativa entre orações, funciona como um marcador conversacional<sup>1</sup> enquanto reintrodutor de um subtópico.

O que se vê, portanto, é que esse tipo de ocorrência do item *mas* desempenha uma duplicidade de papéis: o de relacionar contrastivamente duas orações (o que o aproximaria da conjunção), e o de contribuir para a organização do discurso (o que o torna um marcador conversacional). Chamaremos esse nível de funcionamento do *mas* de intermediário, por ser um nível que se insere na interseção do *mas* conjunção e do *mas* marcador.

No seu modelo de discurso, Schiffrin (1987) propõe que uma das estruturas que constituem o discurso é a estrutura ideacional, onde as unidades são semânticas: elas são proposições ou idéias. Existem três relações entre idéias configurando essa estrutura: relações coesivas, relações tópicas e relações funcionais.

As relações coesivas se estabelecem quando a interpretação de um elemento em uma cláusula pressupõe informação de uma cláusula prévia, e é nesse nível que se situa a articulação de orações. O *mas* enquanto conjunção adversativa atua nesse plano, sinalizando relações entre orações, como nos exemplos 1, 2 e 3.

As relações funcionais se estabelecem quando as idéias desempenham determinados papéis dentro do discurso: por exemplo, servir de suporte para uma argumentação. Tanto o *mas* conjunção quanto o *mas* intermediário se inserem nesse plano porque as orações que eles relacionam contém idéias que servem de suporte para uma determinada opinião do falante. É o que se vê em (5), onde há uma ocorrência de *mas* conjunção:

(5) Bom, (“eu”) acho que a primeira coisa que eu fazia [se ganhasse na loteria] era aposentar. (risadas) Se bem que diz que a gente, enquanto tiver vida, não é? Deve ser útil. **Mas a gente pode ser útil sem estar trabalhando, não é?** Tem uma série de maneira de ser útil sem estar trabalhando. (Wil)

As relações tópicas envolvem a organização de tópicos e subtópicos dentro do discurso. Ao funcionar como reintrodutor de subtópicos, como em (4), o *mas* intermediário estará atuando também nesse plano. O *mas* conjunção não se insere

---

<sup>1</sup> Estaremos usando esse termo no sentido apontado por Silva e Macedo (1986).

nesse plano: ele atua em segmentos mais contíguos do discurso, sinalizando relações de contraste entre orações adjacentes.

Dessa forma, constata-se que a distinção entre o *mas* puramente conjunção e o *mas* intermediário corresponde a uma expansão de um plano a outro da estrutura ideacional do discurso. Enquanto que o *mas* conjunção tem sua atuação situada no plano das relações coesivas e no plano das relações funcionais, o *mas* intermediário atua também no plano das relações tópicas, sem deixar de manter o seu papel nos outros dois planos.

Há uma outra função encontrada para o *mas* intermediário que vem a ser uma ampliação ainda maior da sua atuação na constituição do discurso. São ocorrências de *mas* que atuam na estrutura de troca. Segundo Schiffrin essa estrutura só aparece em diálogos: nela os falantes negociam a organização do discurso. Em (6) o falante “E” lança mão do *mas* como um recurso para tomar o turno na conversação:

(6) E- O que você achou da Europa?

F- (hes) Aí, é outro departamento, não é? Eu vivi, inclusive, na Europa, não é?

E- Ah, viveu?

F- É, eu- eu morei dois anos em Madrid. É- Eu (hes) acho que a Europa- essa consequência que, na Europa, é um outro meio de vida, não é? Você- Você nunca foi à Europa, talvez, não?

E- Não.

F- É uma coisa, assim, muito diferente do que você até possa imaginar, talvez, sabe? Porque eu digo, nesse ponto aí do- do- da educação, por exemplo: é um povo milenar, não é? Eles têm lá- Sei lá quantos ano tem, não é? Dois, três mil anos lá, não é? de educação, (“não é”)? (“Então”), é diferente- então, (hes) (“as”) minhas filhas, se elas não <con->- não viveram lá, porque elas estudaram aqui. Então, elas só iam nas férias, não é?

E- Hum, hum.

F- Elas (hes) ia ao cinema e voltavam uma hora da manhã e a gente não estava des-! É- não estava preocupado, completamente despreocupado. Porque não tinha assalto, não tinha- (riso). Pelo menos esses problema, (“não é”) (“Que”), pelo menos, na época que eu vivi lá, não tinha, não sei se hoje em dia, (riso) tem, porque, hoje em dia, mudou, não sei-

E- **Mas, diz que, na Europa- a vida, na Europa, é muito cara.**

(Wil)

Em (6), a oração que expressa uma idéia oposta às informações fornecidas pelo falante “F” a respeito da boa qualidade de vida na Europa (*Mas, diz que, na <Europa>- a vida, na Europa, é muito cara*) é introduzida por um *mas* que, além de sinalizar essa relação de contraste, constitui um recurso de que o falante “E” se vale para tomar o turno e argumentar nessa direção.

Além dos níveis de *mas* conjunção e *mas* intermediário, identificamos um terceiro nível de funcionamento desse item: o *mas* marcador conversacional. Os

contrastes que esse nível de *mas* sinaliza são apenas de âmbito discursivo: são contrastes entre subtópicos e/ou entre turnos. Esses tipos de contraste o *mas* intermediário também sinaliza ao atuar na retomada de um subtópico ou na tomada de turno. A diferença entre os dois está no fato de que o *mas* marcador não explicita relações de contraste entre *orações* (adjacentes ou não): as seqüências que ele introduz não expressam idéias opostas às de alguma oração antecedente. Sua atuação se dá somente no sequenciamento e na organização do discurso. Com isso, o *mas*, nesse terceiro nível, deixa de atuar no plano das relações coesivas e no plano das relações funcionais, e exerce funções no plano das relações tópicas e na estrutura de troca. Em (7), por exemplo, ele colabora para a organização de tópicos e subtópicos, pois sinaliza a retomada de um subtópico, inserindo-se assim no plano das relações tópicas:

(7) E- Fala um pouco sobre o Méier. Como era o Méier, em comparação ao Novo Leblon?

F- Bom, a gente nem pode comparar o Méier com o Novo Leblon, (rindo) porque não porque o Méier não merece, não é? Porque eu acho que o- Hoje em dia, a gente- **Porque eu era muito ligado à zona norte.** (“Então”), a gente-, (“muitas vezes”), nem enxerga muita coisa, não é? A gente está vivendo aquilo ali- quer dizer, <enxerga>, mas você não vê, assim, uma diferença gritante. Hoje em dia, como eu transito mais pela zona sul (“do que”) pela zona norte, então, a gente vê como as autoridades são engraçada, não é? Ela só enxerga a <zona norte>- a sul, não é? Então- apesar da Barra- aquela parte ali da Barra é- ser completamente esquecida, não é?

I- Hum, hum.

F- Mas você entra na zona norte, é buraco na rua (hes)- se você bobear com o carro, você!- você!- (riso) você (hes) atola com o carro- (hes) Buracos que fazem aniversário, aí. E anda, na zona sul, você já vê coisinha melhor, não é?

I- Hum, hum.

F- Vê que o governo- Mas a zona norte, em si, eu acho tão boa quanto a zona sul, não é? Se bem que (hes) o carioca, pelo menos, acha, não é? Quem mora na zona sul e na- (riso) e na Barra, principalmente, ou quem mora na zona sul tem mais status, não é?

I- Hum, hum.

F- (inint)

I- Mas o senhor há de convir que olhar uma paisagem dessa é um privilégio, não é?

F- Ah é <verdade>, mas não é-

I- Hum, hum.

F- A verdade é que você não paga muito mais não. A diferença do!- do!- dos! dos- pelo menos, hoje em dia, eu não sei, mas na época que eu comprei aqui, acho que a diferença não era muito grande não. De!- De preço, assim, exageradas, (“quer dizer”), exageradas, não é? Exageradas que eu digo é ser o dobro, por exemplo, da zona norte, não chega a ser isso não.

E- Atualmente, está.

F- Atualmente está, (“não é”)? (inint) Eu não tenho visto, porque (“eu”), hoje em dia, não me- **mas eu gostava da- toda a vida, morei na zona norte**. Antes de morar na <zo->- <na->- antes de morar em- no- no Méier- que seria nem no Méier, eu morava, (hes) exatamente, no Caxambi, não sei se você conhece. (Wil)

Em (7), a sequência introduzida pelo *mas* (*mas eu gostava da- toda a vida, morei na zona norte*) põe fim à discussão a respeito dos preços de apartamento da zona sul e da zona norte, retomando um subtópico presente em uma parte anterior da conversação: *porque eu era muito ligado à zona norte*. Pode-se observar que entre essas sequências não adjacentes não se estabelece uma relação adversativa: as idéias expressas por elas não se opõem, ao contrário, elas se complementam. Há aqui apenas um contraste entre subtópicos: preços de apartamentos na zona sul X relação do falante com a zona norte.

Assim como o *mas* intermediário, o *mas* marcador pode ser utilizado como um recurso para a tomada de turno na conversação. A diferença é que a oração introduzida pelo marcador não apresenta uma idéia de oposição às idéias expressas pela porção discursiva que a antecede. Essa função está localizada na estrutura de troca porque, como já foi dito, nessa estrutura falante e ouvinte negociam a sua conversação, e a troca de turno faz parte dessa negociação. É o que se vê em (8):

(8) F- (...) Pode estar o melhor prato na mesa, chegou galinha acabou meu apetite.

E- Hum, hum.

F- Eu não como galinha, não como carne de porco, eu não como cabrito, eu não como peru, eu não como nada de ave, nada de- de coisa, (“eu”) não como.

E- É bom porque não sai caro, não é?

F- Não sai caro.

E- Verdura é barato (riso de E).

F- **Mas olha, eu agora depois de já- (hes) que eu estou morando aqui, que eu vim fazer galinha para eles.**

(Ire).

Em (8), a falante “F” toma o turno através de uma sequência iniciada por um *mas*, e essa sequência não estabelece uma relação de contraste nem com a idéia expressa pela fala do falante “E” (*Verdura é barato*), nem mesmo com as orações anteriores, ditas pela própria falante “F”. Ao contrário, essa sequência complementa as informações já dadas com uma nova informação: além da falante não gostar de comer galinha e outras carnes em geral, ela também não gosta de cozinhar galinha para seus familiares. O contraste que existe aqui é uma diferença de turnos: turno de E X turno de F.

#### 4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O item *mas*, que na descrição das gramáticas tradicionais fica restrito ao plano da articulação de orações, na função de explicitar relações de contraste entre

orações adjacentes, pode, como vimos, expandir sua atuação para outros planos e estruturas do discurso. Essa expansão pode ser visualizada na Figura 1:

Estrutura Ideacional			Estrutura de Troca
relações coesivas	relações funcionais	relações tópicas	
<i>mas</i> conjunção	<i>mas</i> conjunção		
<i>mas</i> intermed.	<i>mas</i> intermed.	<i>mas</i> intermed.	<i>mas</i> intermed.
		<i>mas</i> marcador	<i>mas</i> marcador

Figura 1: Desdobramento do item *mas* nos componentes do discurso

A quantificação dos 551 dados da Amostra em relação a esses três níveis de desdobramento do *mas* revelou os seguintes resultados:

Tabela 1: Níveis de Desdobramento do item *mas*

		C	I	M	
Total	N	317	98	136	551
	%	57	18	25	

A Tabela 1 mostra que o *mas* conjunção é mais usado que os outros dois, o que poderia revelar uma maior tendência desse item a funcionar apenas como uma conjunção adversativa. Contudo, se somarmos o total de intermediários ao total de marcadores, chegaremos ao índice de 43% do total de *mas* encontrados. Esse resultado é compatível com a hipótese de que existe uma tendência desse item a atuar na organização e no sequenciamento do discurso. Os números revelam ainda que a função de sinalizar contraste entre orações (adjacentes ou não) apresenta uma tendência a permanecer junto ao *mas*: se somarmos o total de conjunção ao total de intermediários, que também explicitam relações de contraste entre orações, chegaremos ao percentual de 75% dos casos.

O que se pode concluir é que o *mas* se divide quase que equilibradamente entre a função de conjunção adversativa (*mas* conjunção) e a função de elemento discursivo-organizacional (*mas* intermediário e *mas* marcador). O que não se divide de modo proporcional é a função de sinalizar contraste entre orações: 75% dos casos



senalizam contraste entre orações (adjacentes ou não), e 25% não (os casos de mas marcador).

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- HALLIDAY, M. e HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.
- KOCH, I.G.V. (1984) *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- MACEDO, A.T. e SILVA, G.M.O. (1989) "O papel dos marcadores na interação" Trabalho apresentado na ANPOLL, São Paulo.
- MANN, W. e THOMPSON, S. (1986) "Relation Propositions in Discourse". *Discourse Processes* 9, 57-90.
- MELO, G. C. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- RODRIGUES, A. (1993) *Para uma Descrição do mas no Discurso Falado*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse Markers*. Cambridge: CUP.
- SILVA, G.M.O. e MACEDO, A.T. (1986) "Análise Sociolinguística de Alguns Marcadores Conversacionais." In: Relatório Final do Projeto MFUL ao Finep. Rio de Janeiro.
- SILVA, G.M.O. e BRAGA, M.L. (1991) "Algumas Considerações sobre os Marcadores Discursivos". In: Anais da 43ª Reunião Anual da SBPC: 438-9.
- VAN DIJK, T.A. (1977) *Text and Context*. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse. London/New York: Longman.